



ISSN 1988-7833
<https://doi.org/10.51896/ccs>

CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES

latindex IDEAS EconPapers Dialnet MIAR Scopus

MEMÓRIAS DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE EM ABAETETUBA

Joanice Rodrigues de Souza

Mestre. Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-44640002>
nicejrs@hotmail.com

Vivian da Silva Lobato

Doutora. Universidade Federal do Pará.
<https://orcid.org/0000-0002-9501-0222>
vivianlobato@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da identidade profissional docente, tomando como referência as memórias dos professores/as. As narrativas de memória inserem-se nesse estudo como possibilidade de conhecer as identidades profissionais docentes construídas nos percursos das trajetórias profissionais dos professores/as no município de Abaetetuba Pará. A metodologia adotada tem como método a história oral, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas semiestruturada, a partir do aporte teórico de Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (2013), Nóvoa (1995), Gatti (2009). Os dados apontam que os saberes e experiências vivenciados no campo da formação e socializados na profissão docente são possíveis elementos que constituem a formação identitária e nos aproximam da compreensão histórica da memória e da construção da identidade profissional docente.

Palavras-chave: Formação, Professores, Memória, Identidade, Profissão.

MEMORIES OF TEACHERS: AN ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF THE TEACHING PROFESSIONAL IDENTITY IN ABAETETUBA

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the construction of teachers' professional identity, taking their memories as reference. The memory-based accounts take part in this study as a possibility to understand teachers' professional identities built along the professional paths of teachers in the municipality of Abaetetuba, Pará. The methods used are oral history, bibliographic research, document research and semi-structured interviews, with the theoretical support of Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (2013), Nóvoa (1995), Gatti (2009). The data indicate that knowledge and experiences acquired in the field of education and socialized in the teaching profession are elements which possibly constitute identity formation and bring us closer to a historical understanding of the memory and construction of teachers' professional identity.

Keywords: Training, Teachers, Memory, Identity, Profession.

MEMORIAS DE PROFESORES: UN ANÁLISIS SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD PROFESIONAL DOCENTE EN ABAETETUBA

RESUMEN

El objetivo del presente artículo es analizar la construcción de la identidad profesional docente, tomando como referencia las memorias de los/las profesores/as. Las narrativas de memoria se insertan en este estudio como una posibilidad de conocerse las identidades profesionales docentes construidas durante las trayectorias profesionales de profesores/as en la municipalidad de Abaetetuba, Pará. La metodología aplicada fue la de la historia oral, investigación bibliográfica, investigación documental y entrevistas semiestructuradas, con la contribución teórica de Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (2013), Nóvoa (1995), Gatti (2009). Los datos apuntan a que los saberes y experiencias vividos en el campo de la educación y socializados en la profesión docente son posibles elementos que constituyen la formación identitaria y nos acercan a la comprensión histórica de la memoria y de la construcción de la identidad profesional docente.

Palabras clave: Formación, Docentes, Memória, Identidad, Profesión.

INTRODUÇÃO

Memórias de professores: uma análise sobre a construção da identidade profissional docente em Abaetetuba é um estudo sobre a construção da identidade profissional docente em Abaetetuba-PA, que apresenta análises e reflexões sobre as memórias dos professores/as que fizeram/fazem parte da história da educação no município de Abaetetuba-Pará, com a finalidade de possibilitar a compreensão dos aspectos históricos da memória e da construção da identidade profissional docente. A compreensão da identidade é uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si. A identidade não é fixa ou permanente, pois, é formada e transformada continuamente. Portanto, falar sobre identidade não é uma tarefa fácil, a meu ver, é algo complexo e desafiador, por estar relacionado ao processo de construção humana em suas representações e interações.

Nesse sentido, o estudo sobre a memória dos professores é relevante para conhecer as nuances da história da formação dos professores com foco nas identidades construídas na formação, nos sentidos e significados da vida docente, nos saberes construídos socialmente e compartilhados na experiência da prática dos sujeitos. Além disso, as memórias dos/as professores/as entrevistados/as, são possibilidades de conhecimento das identidades construídas no chão da profissão docente fortemente alicerçadas na tradição cultural, histórica, onde a identidade constitui-se como um movimento de lutas e resistências no cenário de desafios do trabalho docente. Tendo em vista os dilemas e incertezas da vida docente dos professores/as, a pesquisa manifesta-se como tentativa de tecer os percursos da trajetória profissional docente e ampliar o debate e discussão sobre os estudos identitários dos professores/as, como possibilidade de discussões e reflexões sobre a construção das identidades profissionais docentes.

A MEMÓRIA COMO MÉTODO

Nos estudos de Bosi (1994, 2003), a história e memória são articuladoras da vivência, exercendo uma função social durante toda a vida e ocupando parte significativa da memória. Halbwachs (1990) e Le Goff (2013) discutem a memória do ponto de vista da história e vida dos sujeitos, e do ponto de vista da função social do passado, que possibilita descrever e interpretar a

história dos sujeitos.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o registro de memórias se destaca como elemento articulador, nos possibilita estabelecer novos modos de sociabilidade e novas formas de compreender a sociedade. A memória serve como instrumento para as reflexões sobre si mesmo, ou seja, permite ao indivíduo contar as próprias memórias. É um exercício de narrar as experiências de um tempo passado, dos fatos que já ocorreram, fazem suscitar na mente, além das recordações/lembranças, informações que certamente constituirão novos sentidos ao presente. Nesse sentido, o confronto com o passado nos permite refletir sobre nossas atitudes, sobre nossa identidade.

Para Halbwachs (1990, p.72), a memória individual “não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças das outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Dessa forma, o autor vincula a memória da pessoa à do grupo, que, por sua vez, está atrelada à memória coletiva de cada sociedade. Nesse mesmo aspecto, Bosi (1994, p. 54), apoiada nos escritos de Halbwachs, declara que:

[...] as memórias do indivíduo já não ficarão mais restritas ao mundo interior/intrínseco da pessoa, mas dependerão da realidade interpessoal das instituições sociais a que ele pertence, ou seja, a memória do indivíduo dependerá dos seus grupos de convívio e dos grupos de referências próprios, como escola, família, classe social e profissão.

A memória serve como registros de um passado histórico, rico em acontecimentos, que se encontram vivos na memória dos indivíduos. Nessa lógica, Le Goff (2013) destaca que a memória é um elemento essencial na construção da identidade, seja individual ou coletiva, o que faz com que ela seja buscada incessantemente pelas sociedades atuais. Para o autor (p. 437):

a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

A memória é um dos caminhos viáveis para o esclarecimento de nossa identidade, da função social, e da compreensão do tempo enquanto mutável. “Com efeito, o interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente” (Le Goff, 2013, p. 15). No processo de reconstrução histórica, mediante narrativas orais, é importante salientar a importância da memória enquanto espaço que abriga as vivências do passado. O confronto com o passado nos permite refletir sobre nossas atitudes, sobre nossa identidade. Sob este olhar que a memória se caracteriza e descrever as experiências da construção das identidades de professores/as que contribuíram com a educação e com a sociedade sinaliza a importância de conhecer o outro e conhecer as identidades construídas no fazer da profissão e no exercício do ofício docente. A interpretação e o conhecimento de si se dão por meio da memória que permite a exteriorização e interiorização. Para Bosi (1994), não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair de determinações atuais.

No estudo e investigação da pesquisa para compreender os aspectos relacionados à construção da identidade profissional e as trajetórias de vidas profissionais vivenciadas por professores pesquisados, utilizou-se como técnica de pesquisa a análise documental e a entrevista

semiestruturada. Para análise e coleta de dados, utilizou-se as entrevistas semiestruturadas com quatro professores de escolas públicas os entrevistados foram dois homens e duas mulheres na faixa etária de 57 a 86 anos, três professores aposentados e uma professora, funcionária pública do município de Abaetetuba-Pará.

As análises da pesquisa que compõem a trajetória profissional dos professores/as apresentam o percurso da trajetória profissional e histórias de vida, no contexto da formação inicial/continuada, profissão docente e construção da identidade docente que foram agrupados segundo as categorias de significados, com a finalidade de possibilitar possíveis reflexões.

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO INICIAL

Nas memórias de formação inicial temos relatos de quatros professores/as que contam suas experiências e dificuldades enfrentadas no contexto da formação na cidade de Abaetetuba. O Professor Antônio, relata as vivências da formação inicial no contexto do Ensino Normal e do Curso Polivalente, que segundo ele, naquela época, no município de Abaetetuba não havia uma formação específica para a docência onde poucos tinham acesso à escolarização:

Lembro que foi Dom Ângelo Frosi, Bispo da Cidade que conseguiu uma vaga no curso Colegial Normal (professor primário) no Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA), que conclui no ano letivo de 1971. Depois fiz o Curso Polivalente, Licenciatura Curta em Ciências Naturais, no período intervalar, curso ofertado pela Universidade Federal do Pará em convênio com o governo do Estado do Pará, conclui em 11 de março de 1975. (Professor Antônio).

Os professores Paulo e Maria relatam que, na época em que iniciaram a formação inicial, havia a carência de cursos para professores licenciados na cidade. Em suas memórias, também destacam a carência de cursos de Licenciaturas na cidade de Abaetetuba, relatando que muitos professores/as, que não tinham condições de se deslocarem para a capital de Belém do Pará, permaneciam na cidade e se formavam em magistério, única opção de formação para os professores/as que existia na época, conforme os relatos:

Naquela época, não havia cursos para formação de professores na cidade, por isso, tive que morar em Belém para estudar na Universidade Federal do Pará (UFPA) onde me formei em Bacharelado em Economia em Ciências Sociais, no ano de 1979. Em seguida, voltei para Abaetetuba onde trabalhei alguns anos com meu irmão no escritório de contabilidade, Aleixo Brasil. (Professor Paulo).

Fiz o Magistério uma área de formação para professores, e só depois que consegui me formar no curso de Letras na Universidade Federal do Pará, em 1992 (Professora Maria).

O Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA) era o local onde funcionava a Escola Normal em Abaetetuba, onde os primeiros professores se formavam para trabalhar no magistério. De acordo com Gatti (2009), a formação de professores em cursos específicos foi inaugurada no Brasil, no final do

século XIX, com as Escolas Normais destinadas à formação de docentes para as “primeiras letras”. Essas escolas correspondiam ao nível secundário de então; nesse período, e ainda por décadas, a oferta de escolarização era bem escassa no país, destinada a bem poucos.

No contexto das licenciaturas curtas (polivalentes), eram um curso destinado a formar docentes para o ensino fundamental, em nível superior, com menos horas-aula do que as licenciaturas plenas, para formar docentes que poderiam atuar da 5ª até à 8ª séries, mas também de 1ª a 4ª séries. Esses cursos poderiam formar professores com integração de áreas, o que foi uma inovação; por exemplo, a licenciatura em Ciências (com componentes de Biologia, Física e Química), ou em estudos sociais (com componentes de História, Geografia, Sociologia). Em meados dos anos de 1980, esses cursos foram extintos completamente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), e substituídos pelas habilitações plenas.

Nesse contexto, o projeto de Interiorização apresenta-se como um marco importante no contexto da profissionalização e qualificação profissional dos professores/as no município de Abaetetuba e, na trajetória profissional da professora Maria que lembra com orgulho de ter sido uma das primeiras alunas da turma de Letras da Universidade Federal do Pará, campus Abaetetuba. Segundo Ferranti (2018) com a implementação do Projeto Norte de Interiorização e implantação dos polos universitários da UFPA, em Abaetetuba e nos municípios do interior do Pará, com cursos para a qualificação profissional docente dos professores/as da educação básica que assegurou a possibilidade de ingresso ao ensino superior.

Ainda no contexto da formação inicial, professora Ana recorda as dificuldades da época, e lembra que morava no Rio Guajarazinho, ilhas de Abaetetuba e relata as dificuldades de deslocamento para estudar na cidade, uma realidade ainda presente na vida dos estudantes ribeirinhos, conforme o relato:

Eu nasci e me criei na Zona Rural de Abaetetuba, lá eu cursei a 1ª e 2ª séries nos anos de 1970. A formação para mim, foi um desafio, principalmente, depois casei em 1982 e me tornei mãe. Lembro, que no início da formação todos dias tinha que me deslocar para a cidade. Depois que casei, abandonei os estudos e depois que mudei para a cidade pude retomar os estudos. Para me formar no Magistério, deixava meus filhos na escola de educação infantil no mesmo horário em que estudava. No ano de 1996, me formei no Magistério, na escola Bernardino Pereira de Barros. (Professora Ana).

O antigo magistério, era a única opção de profissão no município de Abaetetuba, que antigamente também tinha outros nomes, como segundo grau ou colegial, a depender da época. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, tornou-se obrigatório o curso superior de Pedagogia, e o magistério foi sendo gradualmente extinto. Segundo Gatti (2009), com a publicação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), em 23 de dezembro de 1996, alterações são propostas para as instituições formadoras e os cursos de formação de professores, tendo sido definido período de transição para efetivação de sua implantação. No âmbito dos marcos legais contextualizados, nas memórias da formação em diferentes épocas e contextos vivenciadas pelos professores na cidade de Abaetetuba são histórias que desvendam o complexo cenário da educação brasileira no campo da formação de professores

que revelam na história individual e coletiva de cada sujeito.

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Até a década dos anos 80, na cidade de Abaetetuba ainda não havia uma política de formação continuada para professores. Os professores Antônio e Paulo lembram que a formação continuada surge na década de 1990 e essas formações eram chamadas de “Encontro de Educadores” realizados nas escolas da cidade com o acompanhamento da equipe técnica de profissionais da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC)¹. Nesse encontro, participavam vários professores que vinham de outros municípios para socializarem conhecimentos, saberes e, destacam a importância da formação continuada e afirmam ser essencial para a prática do professor, conforme os relatos:

A formação continuada é importante para o professor e para a educação. Deve ser um processo contínuo e permanente, exige do professor uma maturidade e reconhecer que a sua profissão precisa dar continuidade à formação inicial para o bom desempenho no processo educativo. (Professor Antônio)

Não havia formação continuada como tem hoje. A formação continuada cresceu por volta da década dos anos de 1990, antes não havia, inclusive, quando havia um encontro que na época que trabalhava como professor era chamado de Encontro de Educadores. E, quando havia a oportunidade de formação continuada, ou de fazer alguma complementação, o professor tinha que se ausentar da sala de aula e, isso, gerava transtornos para a escola e para os professores. Era difícil para o professor ter que se afastar do emprego, porque ninguém queria dar aula de contrato por um período de um a dois meses. Assim, o professor tinha que fazer essa formação durante época de férias. (Professor Paulo).

Maria relata os desafios para obter formação continuada, recorda e que por falta de qualificação profissional foi para Belém em busca de formação onde fez Estudos Adicionais² oportunidade de complementação no magistério no período de três meses, no ano de 1984. Naquela época era uma complementação oferecida aos professores que tinham apenas o Magistério, com a complementação ela passou a trabalhar com turmas de 5ª a 8ª série no ensino fundamental. E nos anos 90, conseguiu ingressar no curso de Letras, na Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, e passou a dar as aulas nas turmas do terceiro grau, ensino médio, antigamente e considera que a formação continuada é importante e destaca que:

Sempre estive presente no exercício da minha profissão docente, na época não tínhamos oportunidade de especialização aqui na cidade, por isso, precisei ir para Belém, onde fiz os Estudos Adicionais, em 1984. E quando retornei para Abaetetuba fui trabalhar com alunos de 5ª a 8ª series. Só

¹ A Secretaria Estadual de Educação é o órgão responsável por organizar, fiscalizar e criar as diretrizes necessárias para a educação básica no Estado. Ele tem competência sobre a educação infantil, ensino fundamental e médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação técnica e Educação a Distância nos níveis citados.

² Os Estudos Adicionais eram uma complementação destinada aos professores do Magistério, curso de formação em Matemática, oferecido pela SEDUC.

depois que a Universidade Federal do Pará foi implantada na cidade, consegui ingressar e me formei na primeira turma do curso de Letras da Universidade Federal do Pará, em 1975 (Professora Maria).

Os Estudos Adicionais, fundado em 1965, era uma complementação em Matemática oferecida pela SEDUC aos professores do Magistério. Essa formação era realizada no Centro de Treinamento e Recursos Humanos (CTRH) Prof^o. Artur Porto, no Estado do Pará, no ano de 1970 a 2000, para a melhoria do ensino no Estado responsáveis pela capacitação dos servidores, sob a gestão da Secretaria de Estado do Pará (SEDUC). Nessa época, no município de Abaetetuba com relação à formação docente havia dificuldades por falta de universidade e cursos de Licenciaturas, com recorde de professores leigos, muitos professores lecionavam de 5^a a 8^a séries do 1^o grau apenas com o Magistério ou com os Estudos Adicionais criado pela Lei Federal nº5.692/71. Com a interiorização da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA), o governo decide extinguir o CTRH.

O contexto da formação continuada da professora Ana, é uma realidade atual, apresenta outro cenário, a formação continuada se faz presente no seu trabalho profissional, a escola onde ela trabalha e a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), ambas oferecem formação continuada, conforme a narrativa:

A formação continuada está presente na vida profissional, a própria escola contribui com a formação continuada do professor. A escola, tem uma diretora que é pedagoga, uma coordenadora pedagógica que tem formação na área da educação que tem nos facilitado a formação continuada. Ao longo desses anos, a Secretaria de Educação (SEMEC) também nos proporciona, momentos de formação. (Professora Ana).

De acordo com o relato da professora Ana, a SEMEC oferece aos professores da educação infantil formações para o trabalho com crianças no período letivo escolar. Essas formações são por temas, relacionadas a aprendizagem das crianças e aos cuidados e técnicas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Ana destaca que a última formação ocorrida foi sobre o Programa de Educação Infantil (PEI) em parceria com a Secretaria de Educação do Município, Banco Santander e o Instituto Avisa Lá³, realizada no período de três anos, com a finalidade de aprofundar os conhecimentos dos pilares da educação infantil: o Brincar, Cuidar e o Educar. E a escola onde trabalha oferece formações no período do ano letivo escolar, voltadas à alfabetização, leitura e contação de histórias infantis e na área da psicomotricidade. A respeito da formação continuada, Gatti (2009) destaca que nas últimas décadas teve como propósito a atualização e o aprofundamento de conhecimentos como requisito natural do trabalho em face do avanço nos conhecimentos, as mudanças no campo das tecnologias, os rearranjos nos processos produtivos e suas repercussões sociais.

³ O Instituto Avisa Lá é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos. Desde 1986 vem contribuindo para qualificar a prática educativa nos centros de Educação Infantil, creches e pré-escolas públicas. Junto às redes de Ensino Fundamental desenvolve ações de formação para profissionais de educação visando a

MEMÓRIAS DA PROFISSÃO DOCENTE

Nas narrativas de memórias dos/as professores/as sobre o início da profissão docente temos as lembranças dos inúmeros desafios enfrentados durante trabalho docente que nos revelam o compromisso para além de ensinar a ler e escrever. O professor Antônio, lembra que no início da profissão sentiu dificuldades e destaca que a formação inicial não o qualificou para docência, como consequência, sentiu insegurança ao assumir uma turma de 5ª série, e conta ainda que o apoio de duas colegas de profissão adquiriu a prática da sala em aula:

Quando comecei a dar aulas depois que fui contratado pelo Estado em uma turma de Supletivo, junto com a professora Osvaldina Maués, professora titular da turma. Depois na turma de 5ª série e alguns anos depois assumi a direção do Basílio de Carvalho. (Professor Antônio).

Paulo os professores, recorda que naquela época, os professores não recebiam nenhum apoio necessário por parte do Estado para realizarem suas atividades práticas e desenvolverem com efetividade a profissão docente:

Comecei a carreira docente, depois que recebi o convite de um amigo que era professor naquela época que foi transferido para trabalhar em Belém, aceitei passei a trabalhar como professor em duas escolas públicas da cidade de Abaetetuba, no Colégio São Francisco Xavier, com o ensino de 2º grau na disciplina Mercadologia e na Escola Professor Bernardino Pereira de Barros no ensino de 1º grau, com a disciplina Técnicas comerciais. Na época em que estava trabalhando vi o Estado abrir as Escolas e dizer: “Toma, vai lá e te vira”, e isso, sempre foi feito. (Professor Paulo).

Maria destaca que o incentivo da mãe foi determinante para continuar os estudos e considera que o estudo foi um meio de sair da pobreza e da situação de miséria em que ela e seus irmãos se encontravam quando o pai faleceu. Ela relata que sua mãe a incentiva a estudar para que tivesse melhores oportunidades de vida:

Minha mãe foi minha grande incentivadora, lembro que tinha manhã que nós não tínhamos o café e ela esquentava uma água e pedia para gente tomar a água morna para enganar a fome. Minha mãe não teve tanto estudo, mas sempre dizia: “Vão estudar” e assim, pegamos gosto pelo estudo. Depois que a minha irmã mais velha se casou, eu e mais dois irmãos passamos a morar com ela para estudar. Depois que formei, no início trabalhei com idosos, alguns alunos já alfabetizados. No ano de 1970, com o Projeto Minerva, depois no Mobral⁴ e em seguida passei a dar aulas pelo Estado exercendo por 30 anos a profissão docente (Professora Maria).

competência da leitura, escrita e matemática dos alunos nos anos iniciais. Disponível em: <<https://avisala.org.br/>> Acesso em: 22/09/2021.

⁴ Criado por meio da Lei nº 5.379, em 15 de dezembro de 1967, o Mobral passou efetivamente a desenvolver sua campanha de alfabetização em massa em 1970. Programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

A professora, ressalta que na época em que trabalhou no Projeto Minerva não tinha “autonomia” como professora, apenas obedecia e cumpria as regras. A professora também menciona que foi somente quando passou a dar aulas nas escolas do Estado que passou a ter “autonomia” para exercer sua profissão e dar aulas usando suas técnicas e saberes disponíveis para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Segundo Freire (1979, p. 9), “o educador e todo o profissional devem se engajar social e politicamente para perceber as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade”. Essa reflexão possibilita a compreensão de que construir identidades são necessárias para a desenvolvimento profissional, conseqüentemente, para a transformação da sociedade e da qualidade da educação.

A professora Ana destaca a insegurança que sentiu com relação à prática no início da carreira no magistério, ressaltando a fragilidade da formação inicial, a qual não possibilitou uma formação que a preparasse para a docência e, tampouco, para o trabalho com crianças na educação infantil:

As minhas memórias do trabalho são de um tempo presente, pois ainda estou trabalhando como professora e sempre trabalhei na mesma escola. Considero que eu vim para uma escola de Educação Infantil com pouca formação de como trabalhar com aquelas crianças tão pequenas. O início foi assim, um pouco complicado por não ter a formação específica para o trabalho com crianças e o ambiente que na época chamava muita atenção por ser um espaço sem infraestrutura, inadequado para o trabalho (Professora Ana).

A professora Ana recorda que a falta de recursos, de materiais pedagógicos e de qualificação profissional foram alguns dos entraves que vivenciou na profissão e recorda que o momento marcante da vida profissional foi a chegada do aluno com transtorno do espectro autista (TEA)⁵ na sala de aula, pois não sabia como desenvolver o trabalho com a inclusão e ressalta que:

Os trabalhos eram rodados no mimeógrafo⁶ o tempo todo e ficava rascunhando trabalhos para dar para as crianças pintarem e escreverem. O trabalho era difícil, como a gente não tinha uma formação muito clara fui seguindo o que as outras professoras já faziam e como a escola fazia. Mas, o momento muito marcante, alguns anos atrás, foi a chegada de aluno autista na escola na turma que trabalhava, a criança tinha autismo, mas era uma criança muito inteligente e eu não tinha nenhuma formação a respeito do assunto e nem de como realizar o trabalho com uma criança autista (Professora Ana).

Em meio aos desafios, Ana relata que nunca pensou abandonar a profissão, mas, confessa que houve momentos que sentiu insegurança e utiliza a expressão “queria voar”, para descrever o sentimento de insegurança diante dos desafios da vida profissional. Recorda também que naquele tempo já se falava em inclusão, mas os professores não recebiam nenhuma formação ou orientação por parte da coordenação da escola ou da Secretaria de Educação Especial (SEMEC), pois no

⁵ O autismo, cientificamente conhecido como Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno no desenvolvimento neurológico da criança que gera alterações na comunicação, dificuldade ou ausência de interação social e mudanças no comportamento, sendo geralmente identificado entre os 12 e 24 meses de idade.

⁶ É um instrumento utilizado para fazer cópias de papel escrito em grande escala e foi um dos primeiros sistemas de cópias em série utilizados no ensino.

município ainda não existiam programas de políticas públicas para educação inclusiva.

Ana ressalta, que naquela época, os professores não possuíam formação para atender os alunos com deficiência ou Transtorno do Espectro Autista no município e que a mudança neste cenário só foi possível, a partir do ano de 2009 (Brasil, 2009), quando foi implantado em toda a rede pública de ensino de Abaetetuba o “Programa Professor Cuidador”, com objetivo de instituir um professor auxiliar responsável em acompanhar durante o ano letivo, alunos com deficiência na rede regular de ensino.

Por meio desse programa, a Secretaria de Educação Especial (SEMEC) implementou e regularizou, a partir da portaria de lotação do ano letivo de 2009, a função de “Professor Cuidador” no quadro de magistério, garantindo ao aluno o atendimento de forma digna e eficaz⁷.

Nesse contexto, os professores problematizam os processos formativos e a qualidade da formação inicial que, para Gatti (2009), merecem atenção e são indispensáveis para o desenvolvimento profissional do professor. A qualidade da formação inicial e o desenvolvimento profissional dos professores têm íntima relação com a preparação dos profissionais que atuam como formadores nesse trabalho, no domínio conceitual e prático, envolvimento e compromisso com a formação de educadores.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

O cenário da identidade profissional docente no município de Abaetetuba, foi marcado, conforme as narrativas orais dos professores/as, por um movimento de lutas e resistências em cada tempo e momento da história, que fortaleceram e possibilitaram aos professores resistir e construir suas identidades profissionais. As memórias da construção da identidade profissional docente dos professores Antônio, Paulo e Maria destacam o cotidiano da escola, a interação com os colegas de profissão, alunos e a prática docente como elementos importantes para a construção da identidade profissional que segundo eles são construídas ao longo do tempo, com responsabilidade, profissionalidade e compromisso com educação:

A docência é uma profissão e merece respeito. O professor constrói sua identidade na área que escolheu, mas para isso, ele tem que ser responsável, comprometido com a prática. O professor constrói sua identidade, na responsabilidade com a profissão, mas, para isso, é necessário reconhecer-se como profissional o que exige reflexão, esforço, compromisso e reconhecimento. (Professor Antônio)

O professor é identificado pela sua competência. Para mim, o processo de construção se dá pela competência, ou seja, a maneira como o professor é visto, reconhecido. Então, a minha identidade foi construída na responsabilidade e profissionalismo. (Professor Paulo).

A identidade profissional foi construída aos poucos, na formação contínua, que sempre buscava, porque a sociedade se transforma e tudo se modifica. Assim, a identidade, é construída, a gente estuda, vai se aperfeiçoando, e a formação deve ser permanente. Acredito que minha identidade profissional

⁷ As informações têm como fonte o documento do “PROJETO PROFESSOR CUIDADOR”, elaborado pela coordenação de Educação Especial-SEMEC /2009, Abaetetuba-Pará.

foi construída na prática, respeitando meus alunos, meus colegas de profissão e buscando a cada dia me aperfeiçoar para motivar e incentivar os alunos (Professoram Maria).

A professora Ana, reforça que a construção da identidade é um processo e, segundo ela, ainda está sendo construído, ressaltando a importância da interação no ambiente de trabalho e as formações para a essa construção. A professora destaca que a construção da identidade é um processo que demanda tempo, conhecimento, socialização e que se constrói aos poucos, ao longo do tempo:

Como trabalho na mesma escola, ainda estou no processo de construção da minha identidade. Tenho muitas experiências, momentos importantes que são vivências do período de trabalho ao longo desses vinte e três anos de profissão. Destaco como importante o trabalho em equipe e a experiência com os colegas que tem contribuído para construir minha identidade profissional (Professora Ana).

No depoimento da professora Ana a escola realiza um trabalho coletivo, onde os professores têm autonomia para o desenvolvimento do trabalho que é planejado e organizado em parceria entre escola e professores. Dessa forma, os professores são motivados e sentem-se valorizados em seu trabalho. Uma ação que, segundo Roldão (2005, p. 14), se pode dimensionar através de duas linhas de atuação:

(1) “ensinar como professar um saber”, em que o professor é visto como detentor de um saber conteudinal que expõe e disponibiliza, tornando público o saber que domina, cabendo aos alunos a responsabilidade de aprenderem, em resultado do seu esforço e das suas capacidades. Embora a importância do professor como “distribuidor de um saber restrito” tenha sido significativa durante muito tempo, sabemos que a função de transmitir saberes tem vindo a perder relevância social;

(2) ensinar como fazer com que os outros aprendam/apreendam o saber que se disponibiliza. Neste caso, o professor é visto como um profissional do ensino, capaz de fazer a mediação entre o saber e o aluno, sendo esta uma característica que o distingue de outros atores, que embora possam possuir saberes conteudinais não são detentores dessa capacidade, que constitui a profissionalidade docente.

Com base nos depoimentos dos professores/as, temos identidades construídas e fundamentada na interação social entre os atores, caracterizada como fruto das experiências e saberes construídos na socialização e interações com os alunos e professores, e no processo de formação e atualização dos conhecimentos para adaptar-se às dificuldades do tempo de trabalho e às mudanças e exigências da educação e da profissão. Para Nóvoa (1995), a identidade do professor está relacionada com a própria identidade da profissão docente, construída dentro de um processo histórico-cultural e formada na relação com os outros sujeitos, gerando novas identidades em constante processo de transformação. É um processo de transformação constante, perpassa a vida do professor, desde o momento da escolha pela profissão, da formação inicial e continuada e dos espaços institucionais onde o professor desenvolve sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade profissional segundo as análises das narrativas orais dos professores/as é um processo de construção coletiva e individual, vivenciado socialmente marcada

por desafios e alteridades, num percurso que exige evolução e desenvolvimento que se processa sempre na relação entre o “eu” e o “outro” nas estratégias de negociações entre diferentes identificações, da complexibilidade da realidade social e do processo de representação dos professores.

As memórias dos professores/as nos revelam que no cenário atual, pouca coisa mudou, pois os desafios mencionados ainda estão presentes e fazem parte da realidade dos professores/as da educação básica no Brasil. Nesse sentido, refletir e problematizar as questões apresentadas nas narrativas da realidade da cidade e dos professores/as que são emblemáticas e necessitam de um agir conscientemente, tais análises servem como reflexões para pensar a realidade da formação, do trabalho docente, profissionalização e valorização profissional, buscando contribuição para projetar possíveis soluções às questões sinalizadas pelos professores/as.

A história e a memória são categorias que dialogam, não somente quando, em seu objetivo, trazem as narrativas escritas de pessoas “esquecidas” e/ou oprimidas pela sociedade e permitem o destaque de práticas pedagógicas que valorizam saberes, identidades e a profissão docente. Ambas, são ferramentas capazes de discutir a identidade e autonomia dos sujeitos socialmente menosprezados, na medida em que ela pode ensejar outras reflexões possíveis, possibilita interpretar, conhecer o outro e tecer reflexões das transformações na sociedade, histórias das trajetórias formativas e construção das identidades profissionais docentes que nos leva a expressar a importância de aprofundar os estudos sobre a memória, formação e identidade profissional, como também de refletir sobre as diferentes questões que envolvem a formação de professores/as e a realidade da cidade e da educação.

REFERENCIAS

- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê.
- Brasil. Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Decretos. Brasília: Casa Civil da Presidência da República Federativa do Brasil/Subsecretaria para Assuntos Jurídicos, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm. Acesso em: 21/09/2021.
- Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20/09/2021.
- Ferranti, A. (2018). Campus de Abaetetuba da UFPA comemora 30 anos com evento “Memória, Resistência e Transformação”. <https://www.cubt.ufpa.br/mais-noticiais/item/104-campus-de-abaetetuba-da-ufpa-comemora-30-anos-com-evento-memoria-resistencia-e-transformacao>
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. Paz e Terra.
- Gatti, B. A. (2009). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. UNESCO.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Vértice.
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. 3. ed.* Editora da UNICAMP.
- Nóvoa, A. (1995). *Os professores e sua formação*. Dom Quixote.
- Roldão, M. C. (2005). Formação de professores, construção do saber profissional e cultura da profissionalização: que triangulação? In: Alonso, L.; Roldão, M. C. (Coord.). Ser professor do 1º ciclo: construindo a profissão. Edições Almedina (pp 13-25).